

COLEÇÃO TEMAS SUPREMOS

Jussara e solidão



texto

Luis Henrique Mioto

ilustrações

Ricardo Bagge

GRAFATÓRIO

COLEÇÃO TEMAS SUPREMOS

Jussara e solidãõ

texto

Luis Henrique Mito

ilustrações

Ricardo Bagge

GRAFATÓRIO LONDRINA, 2021

Jussara estava no sofá e misturava as cores da tinta guache com o pincel. Depois juntava no papel para ver que cor saía.

– Vermelho com amarelo dá laranja, amarelo com azul dá verde, laranja com rosa dá um dourado bonito. E roxo com amarelo, que cor que dá?

Ela tentava desenhar, mas desenho mesmo não saía nenhum. Até mesmo as cores que ela misturava e criava ali saíam todas meio sem graça, meio sem brilho. Deixou os pincéis e as tintas de lado.

– Ai, ai... – suspirou, soltando um ar triste pelo nariz e abaixando os ombros, sentada no sofá.

– É gostoso suspirar, né? – falou consigo mesma, riu, e suspirou de novo só para ver como era.

Fazia dias que ela rolava no sofá, cabisbaixa. Não achava coisa para fazer que a fizesse se sentir bem, feliz. Tudo parecia sem gosto, meio mais ou menos. A boca meio murcha e seca, quase não sorria, meio chocha.

Cadê aquela alegria toda que ficava com ela sempre? Ela não sabia.



Não tinha brigado com nenhum amigo? Não. Brigado com a mãe ou com o irmão? Não, não tinha brigado com ninguém. Não tinha ganhado o presente que queria? Não era isso. Estava enjoada, com dor, torcicolo? Não, não, não. O que era, então? Ela não sabia.

– Jussara, Jussarina, o que você acha de sair um pouco para brincar? – perguntou sua mãe.

Jussara até queria sair, encontrar amigos e brincar, conversar um tanto. Mas não se sentia mais à vontade entre amigos, abria a

boca para falar e parecia que

tudo que ela falava

era sem muita

importância

ou



meio sem necessidade de ser falado. Falar com as pessoas parecia agora ser tão difícil, tão complicado.

Agora ela acordava todos os dias com essa cara de boca torta, sentia a sua cara como um maracujá velho com a mão no queixo.

– Jussara, vamos passear de bicicleta, sair para comer um bolo num piquenique, depois do cinema no shopping? – convidava o pai.

Não estava a fim não.

– Quer um chá quentinho, um suco de tangerina, uma torta, dançar?

– Não pai, não mãe... Hmm... Aceito um pouco de suco.

Mas deu um gole só, pequeno, e largou de lado.

Estava mesmo era se sentindo bastante sozinha. Mãe e pai andavam trabalhando demais e seu irmão, Benedito, tinha agora um monte de amigos e saía o dia todo para brincar na rua.

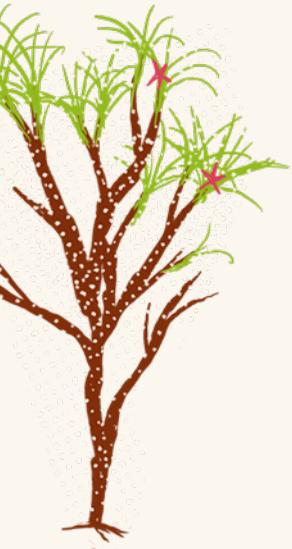
Tinha amigos que poderia visitar ou que iam visitá-la... Mas mesmo assim Jussara se sentia sozinha, mesmo no meio de todo mundo em uma festa, na praça, na escola... Era ela sozinha mesmo no meio de um monte de gente?

Queria ficar quietinha no canto do sofá, com os pensamentos vazios e nublados como um dia de chuva escura.

Foi Dona Fabulosa, mãe do pai de Jussara, portanto sua avó e avó de Benedito também, pois Benedito também era filho do seu pai, portanto seu irmão... Mas, estávamos falando da Dona Fabulosa... A avó, e não de seu irmão que é filho do pai de Jussara e portanto neto da avó dela, falávamos da avó, sim... Foi ela, a avó, quem teve um plano: Jussara viajaria

Preparou as passagens e armou uma viagem para a cidade da tia Maria Polida, de quem Jussara gostava muito e que morava muito longe, em uma cidade cercada por serras secas, quase desérticas, em uma região tão linda quanto misteriosa.

Jussara animou um pouco e foi. E, lá, viveu uma coisa muito diferente, que já vou contar.





Viajando na estrada, Jussara via a paisagem mudando pela janela do ônibus. Os morros com florestas verdes da região onde morava foram ficando para trás...

E agora só se viam algumas arvorezinhas pequenas de troncos fortes, arvorezinhas solitárias que davam um fruto só. Dona Fabulosa disse que devia ser um fruto bem poderoso porque tinha uma árvore inteira só para ele.



E a terra era mais clara e seca por aquelas bandas...

Jussara ia vendo uns bichos estranhos que nunca tinha visto: a seriema, um pássaro grandão solto pelo campo, araras azuis, guaxinim, tamanduá...



Dona Fabulosa ia também quase em silêncio, olhando. Só de vez em quando é que soltava umas cantigas bonitas bem baixinho... E depois ficava ali calada curtindo a viagem com a neta.

Viagem longa, mas gostosa. E Jussara já até sorria um tanto bom, respirava fundo, mais tranquila.

Quase chegando na distante cidadezinha, Dona Fabulosa revelou que tinha trazido um presente para Jussara na bolsa.



– Mas só vou te dar, Jussara, no dia em que vir um brilho bem no seu olho.

– Um brilho?
No meu olho?

Jussara não entendeu nada. Quando será que esse brilho brilharia?

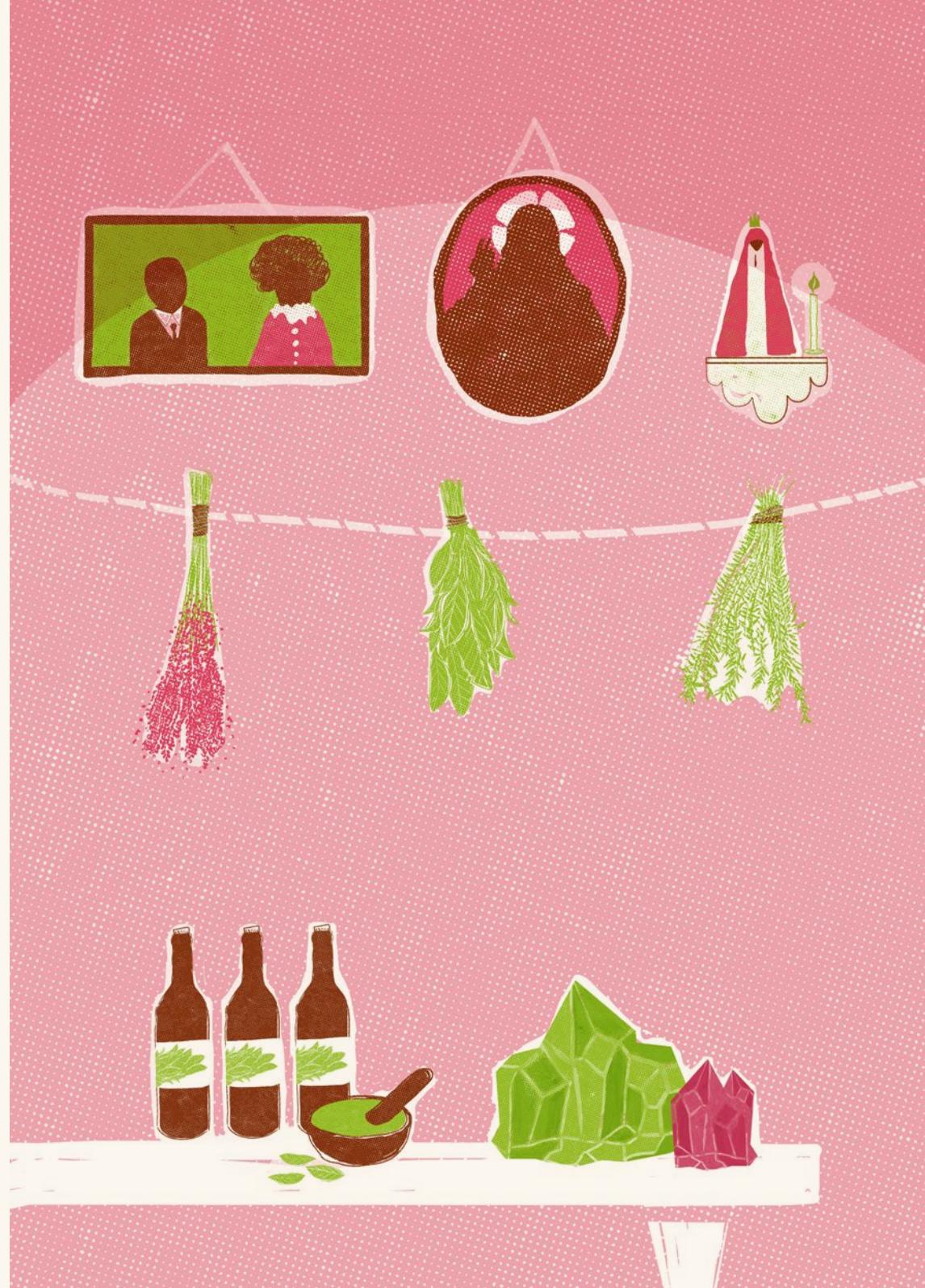


A casa da tia Maria Polida ficava na curva de uma estradinha de areia, afastada um bocado da cidadezinha mais próxima.

A tia Maria Polida era magrinha, e tinha um monte de pedras cristalinas guardadas pelo quintal da casa. Dentro da casa sempre cheirava flor e algo parecido com caramelo ou algo doce fervendo. Tia Maria Polida era benzedeira e fazia remédios das plantas, era comum muita gente ir lá para a tia fazer suas garrafadas e suas rezas.

A tia recebeu Jussara com um abraço muito forte. E todos os dias saíam para passear.

Mas, sempre antes de passear a tia falava que era preciso alongar o corpo. E então elas respiravam fundo três vezes, alongavam os braços, esticavam as pernas, se dobravam dali, se dobravam daqui, alongavam o pescoço, respiravam fundo mais uma vez e pronto... Saíam pela estrada poeirenta.



Passeavam devagar pelas trilhas nos morros, colhendo ervas, raízes, galhos, ramos, flores, pedras, olhando os bichos... Jussara achava uma delícia quando paravam e se banhavam nos córregos que ficavam entre os morros, entre as pedras das pequenas cachoeiras, e assim se refrescavam do calor daqueles passeios debaixo do sol imenso.

Um dia, no caminho desses passeios, a tia Maria Polida se abaixou de repente, como se tivesse achado um moeda de ouro no chão, mas não era moeda de ouro não. Ela agarrou um punhado de areia da estrada, deu para Jussara segurar e lhe disse:

– Olha pra bem de pertinho da areia, Jussara. Olha olhando mesmo, abrindo o olhão seu!

Jussara, com o punhadinho de areia na mão ali do chão da estrada, abriu o olho o mais que pôde e olhou bem de pertinho, quase encostando o nariz na areia, tentando ver cada grãozinho.

A areia vista de longe parece toda branca e meio amarelada, mas de pertinho assim é diferente. Como era aquela areia? Era formada por um amontoado de grãos, pedrinhas minúsculas, muito pequeninhas, todas coloridas, redondinhas, algumas eram transparentes e brilhantes como um cristal moído, outras de cores berrante azul claro, vermelho-vinho, laranja, muitas cores, todas pedrinhas roladas, minúsculas.

– Uau! Nunca tinha visto que a areia era esse monte de coisas!

– se empolgou Jussara.

Daí, tia Maria falou devagarzinho e quase sussurrando no ouvido da menina:

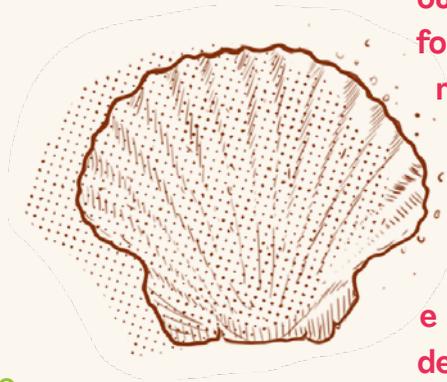
– Esses vários grãos coloridos e brilhantes aí já foram, há muito tempo atrás, pedras grandes... E de tanto rolarem com o vento e de tanto serem levadas pelas águas da chuva e dos rios, elas foram diluindo e se afinando até chegarem do tamanho assim de areia, de grão...

Jussara gostou e falou:

– Acho que o grão de areia é a menor pedra que a gente pode chamar de pedra, o menor tipo de pedra que a gente vê. Tão miudinhas, tão brilhantes... Né?

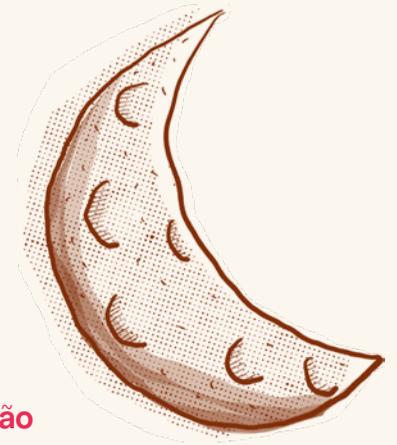
– Hmm, sim... Eu acho que cada punhado de areia parece um punhado de joias de tesouros, daqueles tesouros que ficam nos baús dos piratas. – disse a tia.

E parecia mesmo, aqueles punhados de grãos cintilando pareciam isso uns tesourinhos espalhados por todo o caminho daquelas estradas quase desertas, naquele lugar muito distante, por entre as serras secas.



E foi então que a tia pegou no ombro de Jussara, olhou pra direção do céu e falou a coisa mais bonita que a menina ouviu naquela viagem:

– Jussara, esses grãos de areia são mesmo um tesouro! Repara bem: cada um deles já foi pedaço de algum lugar do mundo... Vai saber de onde, né? Rolaram e andaram por tantos lugares, sendo tantas coisas... Talvez tenham sido montanhas, talvez foram leitões de algum rio, talvez fizeram parte de uma parede de uma casa ou de um castelo, ou vieram de um asteroide lá do céu ou até fossem um pedacinho da lua, um tiquinho de nada da lua! Quem sabe...? Quem sabe aqui na sua mão, Jussara, esteja um pedaço que sobrou de um vulcão ou de um vaso egípcio muito antigo que veio flutuando... por milhares de anos... pelo oceano... e chegou até aqui! Aí, em cada um desses grãos, já rolou muita história, tanta história aí rolou que elas se gastaram até ficarem miúdas e cheias de cor.

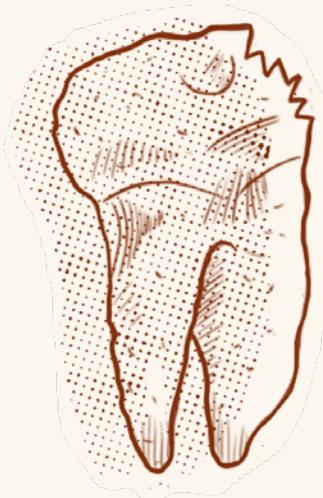


Aquele punhado de areia Jussara via, assim, como um punhado de um profundo tesouro, vindo do universo inteiro. Sim, do universo inteiro! Porque, reparando mais de perto ainda, a areia era feita também de minúsculos pedaços de madeira. De que árvores vinham aqueles miúdos toquinhos? Naquele punhado de areia tinha, também, coisas que nem dava para saber o que eram.

Jussara comentou, ainda de olhão aberto:

– Aqui parece que tem até um pedaço do dente de alguém que viveu há muitos anos, parece que tem também o pelo de alguma onça do século passado, tem também um pedaço de pena de uma águia do século retrasado!

– Ah, vai saber quanta história tem aí! – disse a tia, se levantando meio cansada. – Vamos voltar pra casa, Jussara? Tá ficando de noite...



De noite, Jussara gostava de dormir no quartinho que a tia preparou só para ela, com uma grande janela redonda de onde dava para ver o céu estrelado. Nunca tinha dormido em um quarto só para ela, até então sempre tivera que dividir o quarto com o irmão e tinha até medo de um dia ter que dormir sozinha. Mas agora se sentia pronta para isso, e era tão confortável...

Numa daquelas noites, Dona Fabulosa bateu devagarinho na porta do quarto de Jussara, que já estava debaixo da coberta olhando o céu, aconchegada e sonolenta.

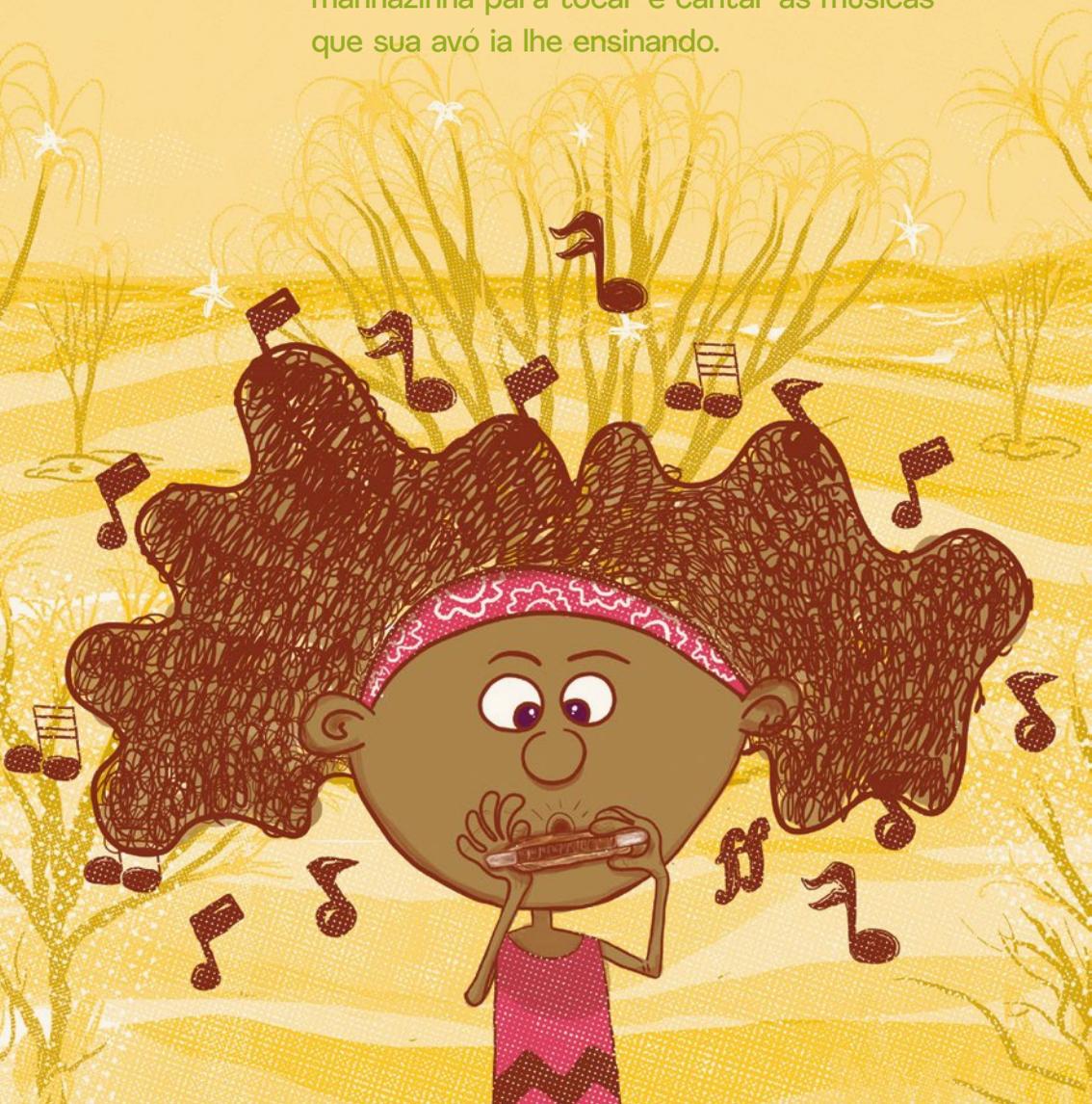
– Pode entrar, vó.

Dona Fabulosa entrou. Escondia algo nas mãos atrás das costas. Jussara riu e seus olhos brilharam forte. Dona Fabulosa mostrou o que estava escondendo: era o presente que tinha trazido pra Jussara, uma pequenina gaita, que fazia um som muito doce e simpático.



Jussara gostou tanto que ficou tocando a gaita até cair de sono, abraçada com o instrumento, fazendo da gaita um tipo de ursinho de pelúcia.

E começou a acordar todos os dias bem de manhãzinha para tocar e cantar as músicas que sua avó ia lhe ensinando.



Jussara foi se sentindo mais segura em passear sozinha pelas trilhas e serras, e se sentia muito responsável colhendo as plantas que a tia lhe pedia para trazer. E na mochila sempre estava a sua gaita. Parava de vez em quando nos altos das serras para tocar e cantar para o vento ouvir.

Numa dessas andanças exagerou um pouco nos passos, acabou se confundindo no caminho de volta e foi parar em um lugar que ela não fazia a mínima ideia de onde era. Andou e andou pelo fim da tarde, se perdendo cada vez mais...

Ali... no meio da estrada... cercada por um cenário quase desértico... sem ninguém para pedir ajuda... foi parar em uma encruzilhada de estradas que se perdiam até o horizonte e que estavam quase se desfazendo pelo vento. Bem ali, sentiu-se mais perdida do que nunca e começou a chorar, chorava quietinha e botou os seus joelhos e as coisas que carregava no chão.

Foi quando se lembrou de beber água na garrafinha que trazia na bolsa. Água gostosa

crá

As araras azuis passaram voando soltando nos ares seus gritos estralados... Crá! Crá! Crá! E Jussara tocava, ouvindo com atenção todos ali em volta, que tocavam e cantavam juntos com ela. E saiu uma música muito bonita, que todos ali estavam gostando.

Jussara não se sentiu mais sozinha, pelo contrário, estava rodeada de muita vida e amigos, se sentiu confortável e tranquila como há muito tempo não se sentia.

Quando a música foi terminando, calminha, só uma brisa de vento muito silenciosa soava... vvvvvvvvvv...

VvvvvVvvvvv

Jussara tinha um sorriso bem leve no rosto, quase até babou um pouco de tão concentrada que estava. E no fim da música abriu, por fim, os olhos.

VvvvvVvvvvvVvvvvVvvvvv

E tudo ao redor, ali na serra no fim da tarde, era tão tranquilo e cheio de vida, cor, som e cheiro.

“O mundo é tão **IMENSO**”,

percebeu Jussara.



Pegou na mão um punhado de areia do chão da estrada e olhou bem de pertinho, quase encostando o nariz na areia, viu os grãos e... Fuuuu!!! Soprou aquele montinho de areia pelos ares.

– Agora essa areia tem uns pedacinhos de mim também. – falou consigo e riu.

Pegou suas coisas, olhou o horizonte e reconheceu a estrada que dava de volta para a casa de sua tia. Foi por ali, até chegar lá.



Chegou quase de noitinha. A tia e a avó tinham feito uma sopa e esperavam Jussara, tranquilas, para comerem juntas.

Alguns dias depois, Jussara e a avó viajaram de volta para casa. Viagem longa, mas gostosa.

Viajaram quietinhas quase o caminho inteiro, um silêncio tranquilo, feliz e confortável.

Só quase chegando em casa é que Jussara percebeu e achou importante contar para a avó que não estava mais se sentindo sozinha, se sentia amiga de todos, de tudo ali ao redor dela.

Sua avó balançou a cabeça para lá e para cá brincando feliz, e deu um beijo bem demorado na testa da neta.

Jussara, quando entrou em sua casa chegando da viagem, correu abraçar o pai, a mãe e o irmão. Mostrou para todos as fotos que tinha tirado, mostrou a sua gaita, contou as histórias que tinha vivido, mostrou algumas plantas que havia trazido e que tinha que pôr em um vaso para cuidar... E ficou assim... Cheia de brilho nos olhos, que era dela já para sempre.





**Ricardo
Bagge**

Gosto de rabiscar (bem antes de ter aprendido a falar). Desenhava em folhas soltas que meu pai trazia da gráfica e até nos cantinhos dos cadernos da escola. Sou ilustrador, ator e arte educador. Ao receber o convite do amigo Luis Miotto, aceitei o desafio para colorir essas histórias supremas. Ilustrar este livro foi reencontrar com aquela criança que desenhava peraltices nas aulas de matemática.



**Luis Henrique
Miotto**

Eu gosto de escrever desde tanto tempo que nem me lembro mais. De vez em quando acho que os textos que escrevo ficam legais e mostro para as pessoas que gosto. Sou escritor, professor, historiador e pesquisador da área da Educação. Também trabalho com cinema e escrevo roteiros de filmes. Sou pai do Lao, um menino que está com cinco anos de idade. Com muito cuidado e carinho escrevi a história que está neste livro, trazendo algumas profundidades que percebo na vida e nas crianças que encontro.

TEXTO LUIS HENRIQUE MIOTO
ILUSTRAÇÃO RICARDO BAGGE
EDIÇÃO FELIPE MELHADO
PROJETO GRÁFICO PABLO BLANCO
REVISÃO ORTOGRÁFICA
FELIPE MELHADO / VIVIANE PRISCILA MIOTO

Dados Internacionais de Catalogação
na Publicação (CIP)
Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo, SP)

M669js Mioto, Luis Henrique.

Jussara e solidão / Luis Henrique Mioto;
Ilustrações de Ricardo Bagge. – 1. ed.
Londrina, PR: Grafatório, 2021.
32 p.; il.; 15x21cm. (Coleção Temas Supremos)

ISBN 978-65-87310-03-9

1. Filosofia para Crianças. 2. Questões
Existenciais. 3. Solidão. I. Título. II. Assunto.
III. Mioto, Luis Henrique

21-30310003 CDD 028.5 CDU 087.5(81)

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura Brasileira Infantojuvenil.
2. Literatura Infantil, juvenil. Livros para crianças,
livros de figuras, livros de histórias (Brasil).

Ficha catalográfica elaborada pelo
bibliotecário Pedro Anizio Gomes CRB – 88846

PROJETO TEMAS SUPREMOS: LIVROS INFANTIS

PATROCÍNIO SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA DE LONDRINA,
PROMIC – PROGRAMA MUNICIPAL DE INCENTIVO À CULTURA

EQUIPE DE DESENVOLVIMENTO DO PROJETO
LUIS HENRIQUE MIOTO, RICARDO BAGGE, MARLI MIOTTA,
PABLO BLANCO, FELIPE MELHADO

COORDENAÇÃO GERAL LUIS HENRIQUE MIOTO

Jussara andava cabisbaixa, só deitada no sofá, quase não sorria. Mas Dona Fabulosa, sua avó, tinha um plano: viajar com Jussara para a cidade de tia Maria Polida, de quem Jussara gostava muito. Nesse lugar distante, cercada por um cenário quase desértico, Jussara tem um encontro com sua solidão mais profunda...

Mas será que precisamos mesmo nos sentir sozinhos?

Pensando na vida, o espanto vem quando Jussara olha bem de perto os grãos de areia, ali do deserto, e encontra neles pequenas partes do universo inteiro.

PATROCÍNIO



Secretaria Municipal de Cultura